

VÁRIA

CONTRIBUTED PAPERS

MARTIN BEHAIM (MARTINHO DA BOÉMIA) E OS AÇORES

JÜRGEN POHLE

Pohle, J. (2012), Martin Behaim (Martinho da Boémia) e os Açores. *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, 21: 189-201.

Sumário: A história de Martin Behaim (1459-1507) é um dos capítulos mais notáveis e, simultaneamente, mais enigmáticos no âmbito da história das relações luso-alemãs. Trata-se da história de um mercador de Nuremberga, que chegou em 1484 a Portugal, país onde viria a morrer 23 anos depois. As informações, que transmitiu à sua cidade natal sobre a expansão marítima portuguesa, conduziram a uma ocupação intelectual mais intensa com o espaço colonial português por parte dos humanistas alemães. Um dos documentos que provam esse crescente interesse alemão é o denominado *Erdapfel* de Behaim, ou seja, o globo terrestre mais antigo até hoje preservado, que foi construído no início dos anos 90 do século XV através das indicações do nuremberguês.

O presente artigo lança um olhar para a vida deste mercador e aventureiro alemão em terras portuguesas, destacando as suas ligações aos Açores onde o prendiam laços familiares.

Pohle, J. (2012), Martin Behaim and the Azores. *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, 21: 189-201.

Summary: The story of Martin Behaim (1459-1507) is one of the most remarkable and enigmatic chapters in the history of German-Portuguese relationships. It's about a merchant of Nürnberg, who arrived in Portugal in 1484, and died 23 years later. The information he conveyed to his birthplace about the Portuguese discoveries inspired the German humanists to an intense intellectual study of the Portuguese empire overseas. One of the documents, which proves this growing German interest, is the most ancient globe still preserved, named the "Behaim Globe", which was built after Behaim's indications in the beginning of the last decade of the 15th century.

The current article wants to give a short view of the life of that German merchant and adventurer in Portugal and, especially, about his relationship with Azores, where he had relatives.

Jürgen Pohle – Universidade Atlântica (Oeiras). Centro de História de Além-Mar (FCSH – Universidade Nova de Lisboa/Universidade dos Açores). Bolseiro de Pós-doutoramento da FCT.

Palavras-chave: História dos Açores (século XV), viagens dos descobrimentos, relações luso-alemãs, globo de Behaim.

Key-words: History of Azores (15th century), voyages of discoveries, German-Portuguese relationships, the Behaim Globe.

“Perestrello, Nolli, Cadamosto, Christovam Colombo, Vespucio, Martim Beheim são, além d’outros, exemplos concludentes, de que na convivência com os pilotos portugueses e nas suas viagens havia que aprender.

Foi na escola portuguesa que alguns d’elles beberam a sciencia e arte, que os habilitou a executar gloriosos feitos, famosas descobertas, das que mais honram a humanidade. Injusto seria esquecel-o [*sic!*]. Martim Beheim foi um d’estes que atraídos pela merecida fama, veio a Portugal. O seu nome occupa uma pagina da historia, como obreiro pacifico nas lides da sciencia. Não ganhou ephemeros louros em campos de batalha, fez muito melhor do que isso, trabalhou para o mais proficuo adiantamento da civilisação. Como tal, como filho adoptivo dos Açores, como autor de algumas noticias para a historia d’estas ilhas, merece ser commemorada sua pessoa e obras.

Depois das extranhas e falsas glorias com que alguns quizeram abrilhantar a vida de Martim Beheim, tem a critica moderna conseguido discriminar qual o quinhão, que lhe cabe nos progressos modernos. Restituída assim ás suas verdadeiras e exactas proporções a parte que lhe pertence, é ainda sufficiente, para o tornar illustre entre os contemporaneos, e benemerito para os vindouros, como Cosmographo, Astronomo, Mathematico e Nauta!

Explorando os mares, descobrindo ignotas regiões, estudou practicamente os meios de facilitar novas excursões, tomando os astros por guias seguros, das invias solidões do vasto oceano.

A existencia dos Açores seria completamente ignorada de grande numero de individuos, se conjuncta á memoria de Beheim, não andasse sempre a das ilhas em que vivêo por alguns annos. Este filho

adoptivo dos Açores, e especialmente do Fayal, paga-lhe assim em constante recordação atravez dos seculos, o bom acolhimento que recebo na sua segunda patria.”

É com estas palavras que Martin Behaim¹ foi relembrado, há quase século e meio, pelo historiador e bibliófilo micalense Ernesto do Canto no primeiro volume do *Archivo dos Açores* (1878: 436-437). No mesmo volume, porém sem indicação da autoria, fala-se do “celebre cosmographo Martim de Bohemia” (*ibidem*, 152). E poucas linhas abaixo lê-se:

“Os allemães interessados em collocar o seu Martim Behaim em alto pedestal, não se pouparam a estudos, uns sinceros, outros filhos d’um mal entendido patriotismo, afim de illustrar o nome d’este sabio, natural de Nuremberg, casado com uma filha do 1.º Donatario Jobs Van Huerter.”

Quando falamos de Martin Behaim, ocupamo-nos – como transparece nas citações acima mencionadas – em primeiro lugar com uma figura histórica muito polémica. Os seus apologistas atribuíram-lhe alguns méritos no âmbito da História dos Descobrimentos, que fizeram correr muita tinta na investigação histórica nos últimos dois séculos. Misturaram-se em torno

¹ Na historiografia portuguesa também é conhecido por Martinho da Boémia (ou Bohemia) e Martim Behaim (ou Beheim).

deste homem misterioso factos e lendas que distorceram a sua biografia e deixaram controvérsias complexas e duradouras, de tal maneira que numa das mais recentes biografias acerca de Martin Behaim, o autor, J. P. Bräunlein (1992), constatou, algo resignado (*apud* Pohle, 2007: 14):

“A investigação científica sobre Behaim inicia-se em meados do século passado [=século XIX (NdA)], não se encontrando concluída até ao presente. Até se pode pensar que quanto mais os historiadores se ocupam com a pessoa de Behaim, tanto mais questões e problemas não resolvidos se põem em evidência.”

São várias as razões que tornaram a avaliação do papel de Behaim na História dos Descobrimentos tão complicada. A escassez de fontes originais e a existência de documentos com afirmações contraditórias são circunstâncias que muito contribuíram para as controvérsias. Mas ainda mais prejudicial para o rumo da investigação foi a tendência repetitiva dos apologistas de Behaim de apresentar dados não documentados sobre as suas supostas façanhas cultivando, desta forma, a imagem lendária e popular deste alemão de Nuremberga. Resumindo as principais etapas da investigação histórica acerca da “questão de Behaim” (*Behaimfrage*), é de constatar o seguinte (Pohle, 2007: 13-26):

Um efeito particularmente fatal para a avaliação de Martin Behaim teve

uma publicação do professor universitário Johann Christoph Wagenseil, que surgiu em 1682, na qual o autor homenageou Behaim, entre outras razões, por ter sido o descobridor dos Açores, da América e do Estreito de Magalhães. Afirmações deste género entraram durante o século XVIII em vários dicionários biográficos e enciclopédias, espalhando-se a partir daí pelo mundo dos eruditos. Ao “descobridor” Martin Behaim juntou-se, durante o século XIX, o “cientista”, que supostamente teria dado às ciências náuticas portuguesas impulsos muito importantes. Os apologistas de Behaim atribuíram-lhe, com base em algumas fontes escritas, que surgiram décadas após a sua morte, alguns méritos, como, por exemplo, o de pertencer à misteriosa Junta de Matemáticos e de ser um excelente cartógrafo e cosmógrafo, que tinha introduzido em Portugal o astrolábio, a balestilha e as tábuas astronómicas (*Ephemerides*) do famoso matemático e astrónomo alemão Regiomontanus, do qual Behaim “*se gloriáua ser discipulo*” [João de Barros, *Ásia* (I década, 4.º liv., cap. 2)]. Embora o *curriculum vitae* de Behaim ficasse liberto de algumas lendas com as primeiras biografias críticas, que surgiram sobre ele (Murr, 1802²; Ghillany,

² A primeira edição, redigida em alemão, surgiu em 1778.

1853), não se pode estranhar que a historiografia – perante uma tradição de deturpações e especulações que giraram constantemente à volta da pessoa e da obra de Behaim durante séculos – também no século XX não se soubesse libertar de todas estas tradições e complicações senão de uma forma lenta e parcial. E. G. Ravenstein (1908) mostrou, no início do século XX, que nenhum destes supostos méritos se deixa corroborar por falta de provas conclusivas e foi apoiado desde as obras de Joaquim Bensaúde (1917-20; 1967) por historiadores portugueses que atribuíram a Behaim um papel insignificante na História dos Descobrimentos, o que contrastava claramente com uma historiografia alemã nacionalista que continuou a louvar as façanhas do compatriota.³ Embora a imagem lendária e popular de Behaim se tenha mantido com uma resistência verdadeiramente espantosa até ao presente, é de notar, a partir da segunda metade do século XX, uma tendência para relativizar o papel deste aventureiro de Nuremberga, partindo, em geral, da voz crítica de Ravenstein. Desde os anos 90 do século passado e sobretudo em consequência das comemorações do quinto centenário do globo e da morte

de Martin Behaim em 1992 e 2007, respectivamente, surgiram vários trabalhos biográficos que visam, finalmente, um novo rumo na investigação histórica alemã com o intuito de desmistificar a “lenda Behaim”, destacando apenas os factos provados.⁴

Mas quem era afinal, podíamos assim perguntar, este “filho adoptivo dos Açores”, como foi designado por Ernesto do Canto? Para um melhor entendimento do papel de Behaim na História da Expansão Portuguesa, traçaremos no parágrafo seguinte as principais etapas da sua vida.

Martin Behaim nasceu em Nuremberga, na Alta Alemanha, no dia 6 de Outubro de 1459, como filho mais velho do patricio Martin Behaim von Schwarzbach e de Agnes Schopper. A família Behaim pertencia à classe privilegiada de Nuremberga, ganhando a sua vida com o comércio. Assim, também Martin Behaim obteve uma formação mercantil. Entre 1476 e 1484 encontramos-lo nas feiras de Frankfurt (am Main) e nos Países Baixos, mais precisamente em Mecheln, Antuérpia e Bergen-op-Zoom. Familiar e profissionalmente ligado aos Hirschvogel, uma das casas comerciais de Nurem-

³ Sobre a avaliação de Martin Behaim na historiografia portuguesa até meados do século XX, vd. Kellenbenz (1958).

⁴ Vd. Bräunlein (1992), Willers (1992), Knefelkamp (1992; 2007), Pohle (2007), Jakob (2007) e Görz (2007).

berga que iam investir posteriormente no comércio das especiarias, partiu em 1484 para Portugal. Em Fevereiro do ano seguinte foi armado cavaleiro em Alcáçovas por D. João II. A seguir viajou, pelo menos uma vez, para a África Ocidental (Pohle, 2007: 54-66). Não se deixa provar a sua participação numa viagem de Diogo Cão, embora isso seja indicado na denominada Crónica de Nuremberga (*Liber cronicarum*, 1493) de Hartmann Schedel.⁵ Desde as investigações de E. G. Ravenstein (s.d.: 25-35) parece ser mais provável uma participação de Behaim numa expedição portuguesa à costa da Guiné que teve sobretudo fins comerciais como, por exemplo, a empresa de João Afonso de Aveiro ao Benim. Ainda nos anos 80 realizou-se o seu casamento com Joana de Macedo, filha do flamengo Josse van Hurtere⁶, capitão-donatário das ilhas do Faial e Pico, e de Brites de Macedo. Do matrimónio de Behaim nasceu, no dia 6 de Abril de 1489, um filho, que recebeu o mesmo nome do pai. Em 1490 Behaim viajou de Lisboa para Nuremberga, onde per-

maneceu até 1493. Durante a sua permanência na cidade imperial foi construído o célebre *Erdapfel*, o mais antigo globo terrestre ainda existente, fabricado por um conjunto de artesãos, em conformidade com as informações de Behaim e várias outras fontes. Este globo deve ter sido construído para convencer mais facilmente o patriciado da cidade, dedicado ao comércio, a investir numa expedição ultramarina portuguesa. Em 1493, após uma curta estadia em Portugal, Behaim voltou aos Países Baixos. Pela carta que redigiu em Brabante, em Março de 1494⁷, transparece que nesta altura desempenhou duas funções: enviado de D. João II e representante comercial do seu sogro em negócios referentes ao açúcar. Num *post scriptum* a esta carta indicou os Açores como a sua futura morada. Aqui perde-se o rasto de Behaim até a alguns meses antes da sua morte. É documentado que se encontrava em 1507 em Lisboa, onde morreu no dia 29 de Julho, completamente empobrecido. Foi sepultado na igreja de São Domingos.

⁵ Tradução portuguesa do respectivo capítulo da *Crónica de Nuremberga* no artigo de Justino Mendes de Almeida (1959).

⁶ Nome e apelido do primeiro capitão-donatário da ilha do Faial (posteriormente também da ilha do Pico) encontram-se, seja nas fontes, seja na literatura, com variadíssimas formas na sua grafia, tal como Jos, Joss,

Joz, Jost, Joost, Job, Jobst, Jod[ocus][de/van] Hurter, Hurder, Hürtter, Huertere, Hutra, Utra, Dutra, etc. – Cf. Serpa (1929: 14).

⁷ Esta carta, destinada a um familiar em Nuremberga, é o último documento, escrito pelo próprio Behaim, que se conservou. Vd. Pohle (2007: 80-81).

Poucos meses antes do seu falecimento tinha morrido em Lisboa, em Março de 1507, o seu irmão mais novo, Wolf Behaim, que aí tinha representado, desde 1506, a companhia dos Hirschvogel na função de feitor. Uma fonte, recentemente encontrada por Reinhard Jacob (2007: 46-47), prova que Martin Behaim tencionou ainda viajar para Nuremberga após a morte do irmão para receber a sua parte da herança. Os seus familiares em Nuremberga, que pelos vistos estiveram a par dos seus problemas financeiros, desaconselharam-no a aí voltar, argumentando que a herança era inferior aos impostos que Martin ainda devia a esta cidade. Deram ainda indicações aos feitores dos Hirschvogel em Antuérpia para lhe oferecer 150-200 florins (*Gulden*) caso ele chegasse até aos Países Baixos. No entanto, a doença e morte de Martin Behaim impediram a realização da viagem prevista.

Com base nos estudos críticos realizados sobre a vida de Martin Behaim parece ser evidente que a imagem tradicional que dele se criou, tal como de ter sido um grande cosmógrafo, excelente navegador ou até descobridor, não se deixa corroborar em virtude da escassez de material documental comprovativo. Mas seja como for a avaliação de Martin Behaim na historiografia durante os séculos

passados, não se pode negar que personifica, como nenhum outro, a primeira geração de mercadores da Alta Alemanha estabelecidos em Portugal e que se viriam a tornar tão importantes para o desenvolvimento das relações luso-alemãs a partir de 1503.⁸ Foram novidades, como aquelas que Behaim espalhou em Nuremberga no início dos anos 90 do século XV, que despertaram o interesse alemão pelos resultados da política expansionista de Portugal. Ou seja: Behaim ajudou fortemente na divulgação, pelo Sacro Império Romano-Germânico, de notícias ligadas à Expansão Portuguesa e às suas prometedoras perspectivas económicas. As informações que transmitiu, conduziram também a uma ocupação intelectual mais intensa com o espaço colonial português por parte dos humanistas alemães. O globo de Behaim, apesar de transmitir na sua generalidade ainda o mundo pré-colombiano, revela

⁸ Foi neste ano, quando os Welser – e a seguir os Fugger e outras casas comerciais de Augsburg e de Nuremberga – se estabeleceram em Lisboa, erguendo aí feitorias e participando directamente no comércio colonial português. É, simultaneamente, o início da fase mais intensa dentro da história das relações luso-alemãs na era dos descobrimentos, não apenas em termos económicos, mas também relativamente aos contactos políticos e culturais. Este “período de ouro” estendeu-se até aos anos vinte do século XVI. Vd. Pohle (2000: 97-188).

que a expansão marítima de Portugal tinha contribuído para uma nova imagem do mundo e conduziu a uma acesa discussão erudita sobretudo em Nuremberga. Nesta discussão até o próprio imperador Maximiliano I tomou parte, como documenta uma carta do médico e humanista nuremberguês Hieronymus Münzer a D. João II, datada de 14.7.1493, na qual se propunha ao rei de Portugal uma viagem de descobrimento conjunta, via Ocidente, com destino a Cathay, onde se esperava encontrar as terras das especiarias.⁹ O documento prova que Behaim e Münzer partilharam a mesma ideia que Colombo tentou concretizar a partir de 1492. Não se sabe ao certo em quantas expedições marítimas Behaim esteve presente, mas, pelas indicações que se encontram no globo e noutras fontes próximas dele, deve ter visitado o litoral do Golfo da Guiné e participado na luta contra os mouros. Quando viveu em Portugal continental encontramos Behaim na corte de D. João II e em contacto com navegadores portugueses. Através de Diogo Gomes de Sintra tomou conhecimento da história do descobrimento da Guiné, como

mostra o denominado *Manuscrito Valentim Fernandes* (Baião, 1940), que inclui o documento intitulado “*De prima inuentione Guineae*”, também conhecido por *Relato Behaim-Gomes* (Sintra, 2002).

Relativamente às relações açorianas de Martin Behaim apenas poucos detalhes se deixam filtrar da documentação disponível. Por intermédio dos laços familiares que o ligavam às ilhas do Faial e do Pico, conheceu, pelo menos parcialmente, o arquipélago. É, porém, desconhecido quando se terá estabelecido nos Açores e também não se sabe a data exacta do seu casamento com Joana de Macedo. Para a maioria dos seus biógrafos a sua primeira estadia no arquipélago tinha acontecido entre os anos de 1486 e 1488, ou seja, após a sua viagem à costa ocidental africana e antes do nascimento do seu filho, Martin, em Abril de 1489. Charles Verlinden (1991) duvidou de uma estadia de Behaim nos Açores nos anos 80 do século XV, argumentando que as indicações referentes aos Açores, no globo de Behaim, eram de tal maneira incorrectas que seria pouco credível

⁹ Da carta original, escrita em latim, existe apenas uma cópia incompleta, redigida por Hartmann Schedel [vd. Bott (1992, 2: 736)]. Conservou-se, porém, uma tradução portuguesa da carta, que deriva do monge dominicano Álvaro da Torre e que foi publicada

já no início do século XVI. Uma versão portuguesa da carta de Hieronymus Münzer (Jerónimo Monetário) foi publicada no primeiro volume do *Arquivo dos Açores* (1878: 444-447).

que Behaim já conhecesse o arquipélago antes da construção do mesmo. Segundo este historiador, o casamento podia ter-se realizado em Lisboa onde a família Hurtere possuiu uma casa.¹⁰

Existem no globo três lendas que se referem directamente ao descobrimento e à história dos Açores no século XV. Vamos lançar um olhar para estes textos através da tradução de António Ferreira Serpa (1929: 17):

“No ano de 1431, depóis do nascimento de Nossos Senhores Jesus Cristo, quando governava em Portugal o Infante Dom Pedro¹¹, equiparam-se dois navios, fornecidos das cousas necessárias para dois anos de viagens, por ordem do Infante Dom Henrique, irmão do Rei de Portugal¹², para ir ao

descobrimento dos países que se achassem atrás (*sic*) de Santiago de Finisterra; os quais navios assim equipados, navegaram sempre para o Ocidente, quasi umas quinhentas léguas de Alemanha. Por fim, descobriram um dia estas dez (*sic*) Ilhas e tendo desembarcado nelas, somente acharam desertos e pássaros tão mansos que não fugiam de ninguem, não encontraram vestígios de homem e de quadrúpedes, o que era a causa dos passaros não serem ferózes (*sic*). Eis aqui porque se deu a estas Ilhas o nome de Açores (*sic*), o que quer dizer Ilhas dos abutres.¹³ E para satisfazer a ordem do Rei de Portugal, expediram-se para lá, no ano seguinte, dezasseis navios, com todas as espécies de animais domésticos, distribuindo-os por cada Ilha, para que se reproduzissem.”

Na segunda lenda está escrito o seguinte (*ibidem*, 16-17):

“As ditas Ilhas foram povoadas em 1466, quando o Rei de Portugal as deu, depois de muitas instancias, à Duquesa de Borgonha, sua irmã, de nome Isabel. Então havia em Flandres grande guerra e extrema miséria, e a referida Duquesa mandou, de Flandres, muita gente, homens e mulheres de todas as condições¹⁴, e bem assim padres, e tudo quanto convém ao culto religiôso, e alem disso navios carregados de móveis e de utensilios necessa-

¹⁰ Hieronymus Münzer menciona a existência desta casa no centro de Lisboa no seu *Itinerarium*, ou seja, no relato da sua viagem à Península Ibérica, em 1494/95 (*apud* Vasconcelos, 1930: 562):

“Estávamos hospedados numa grande e bonita casa do Rei, habitação do sogro do Sr. Martinho da Boémia, chamado Job Hurder, de Bruges, homem nobre e capitão das ilhas do Faial e Pico, casado com uma senhora nobre, sensata e muito prendada, a qual me deu bolsas de almiscar de gazela e nos rodeou das maiores atenções. Essa casa fica numa grande praça, campo larguíssimo junto do convento de S. Domingos. Fomos muito bem tratados.”

¹¹ O autor coloca aqui uma nota de rodapé para esclarecer que “em 1431 ainda reinava Dom João I”.

¹² O infante D. Henrique era – como Serpa corrigiu noutra nota – “filho do Rei de Portugal” e não irmão de D. João I.

¹³ O termo “*Habichte*”, que consta no globo, significa, de facto, açores e foi, portanto, mal traduzido por Serpa. Para esta passagem propomos a seguinte tradução: “[...] por isso foram chamados *insulen dos azores* o que significa em alemão ilhas dos açores [...]”.

¹⁴ No globo fala-se de “ofícios” (*Handwerk*) e não de “condições”.

rios à cultura das terras e à construção de casas, e lhes deu, durante dois anos, tudo de que careciam para subsistir [...], as quais pessoas eram em numero de 2000, de maneira que com as que para ali fôram e as que depôis nascêram, formáram alguns milhares.¹⁵ Em 1490 havia ali ainda diversos milhares de pessoas tanto alemãs, como flamengas, que para lá tinham partido em companhia do nôbre cavaleiro Job de Hürtter, senhôr de Moerkirchen, em Flandres, meu querido sôgro, a quem estas Ilhas fôram dadas para êle e seus descendentes pela dita Duquêsa nas quais Ilhas se prodús o açucar de Portugal. Os frutos ali amadurêcem duas vêses por ano, porque não há inverno e tôdos os víveres são baratos, de maneira que muita gente pôde ainda lá procurar a sua subsistêcia.”

Há mais uma passagem no globo que faz referência a Josse van Hurtere (*ibidem*, 17):

“Para o poente está o mar chamado Oceano, aonde também se navega para mais longe do que indica Ptolomeu e para além das colúnas de Hércules, até às Ilhas Açôres, Faial e Pico, em que reside o nôbre e piedôso cavaleiro Job de Hürtter de Moerkirchen, meu querido sôgro, com os colónos que trouxe de Flandres, sôbre os quais governa.”

De facto são evidentes alguns erros grosseiros relativamente à história

¹⁵ Segundo Valentim Fernandes, que certamente esteve em contacto com Martin Behaim, foram apenas 15 colonizadores flamengos que acompanharam Josse van Hurtere. Cf. Serpa (1929: 20-23).

dos Açores em tempos remotos. E também é muito estranho que nem sequer a origem do seu sogro esteja indicada de uma forma exacta, porque Josse van Hurtere é oriundo (da região) de Bruges e não, como é dito no globo, de Moerkirchen (Moerkerken). Os historiadores explicaram tais erros, especulando que algumas inscrições feitas no globo poderiam ter sido efectuadas posteriormente, quando Behaim já não se encontrava em Nuremberga. Por outro lado existe na mesma fonte uma outra legenda, obviamente menos notada, que confirma a presença de Behaim nos Açores antes da sua estadia na sua terra natal no início dos anos 90. Este trecho faz parte da dedicatória do globo, colocada na zona do Polo Sul da esfera. Aí pode ler-se (*ibidem*, 16):

“[O globo (NdA)] fôi deixado pelo sobre-dito senhôr Martin Behaim, à cidade de Nuremberg, como um penhôr e homená-gem da sua parte, antes de voltar para a companhia de sua mulhêr, que habita em uma Ilha¹⁶ na distancia de 700 léguas, aonde êle fíxou residêcia e aonde se propõe acabar seus dias.”

O globo de Behaim é um globo que “fala” através das suas lendas e possui indubitavelmente um elevadíssimo valor artístico e histórico-cultu-

¹⁶ Trata-se aqui, obviamente, da ilha do Faial, o que Serpa indica também numa nota de rodapé.

ral. Trata-se de uma espécie de mistura entre um documento cartográfico e uma narração histórica à base de escritos antigos e fontes recentes, como as informações fornecidas pelo próprio Behaim. Não obstante não transmite ao observador uma imagem actualizada, em que os resultados dos descobrimentos portugueses se reflectem de um modo satisfatório. Esta insuficiência é algo estranha, sobretudo se tivermos em conta que Behaim esteve pessoalmente em contacto com a expansão marítima portuguesa conhecendo, pela sua própria experiência, uma parte do Atlântico. O que é que Behaim sabia realmente sobre os Açores quando espalhou as suas ideias sobre os descobrimentos em Nuremberga, no início dos anos 90 do século XV? Se nos orientarmos pelo globo como critério principal para responder a esta questão, é de reparar no seguinte:

A representação dos Açores no globo de Behaim não é exacta, mas em princípio correcta. A área das ilhas e a sua distância relativamente ao continente europeu é certamente exagerada. Também o posicionamento das ilhas, dentro do respectivo grupo a que pertencem, se revela, na maioria dos casos, pouco preciso. Podemos chegar à conclusão que Behaim sabia apenas transmitir informações muito vagas aos escritores e pintores do globo. Este facto pode servir como

indício da sua diminuída qualidade como cartógrafo ou astrónomo, mas não documenta, de forma nenhuma, a tese de Charles Verlinden que nega a presença de Behaim no arquipélago antes de 1490.¹⁷

Existem mais dois documentos que devíamos ter em consideração:

a) Em Julho de 1486, D. João II concedeu a Fernão Dulmo as Ilhas das Sete Cidades caso as achasse. Nesta carta de privilégio está mencionado um “cavaleiro alemão” que pretendia participar nesta expedição. Alguns historiadores, como por exemplo José Manuel Garcia (2012: 49) num estudo muito recente, vêem neste cavaleiro alemão Martin Behaim. A projectada viagem deveria iniciar-se em Março de 1487, a partir da ilha Terceira, mas acabou por não se concretizar.

b) Na já referida carta que Hieronymus Münzer¹⁸ dirigiu a D. João II, em Julho de 1493, é formulado um “convite” do imperador Maximiliano I para a realização de uma empresa marítima para procurar, em conjunto, o caminho marítimo para a Índia pelo ocidente. Para a realização desta expedição para *Cathay*, Maximiliano I recomendou ao rei português Martin

¹⁷Vd. *supra*.

¹⁸Hieronymus Münzer é também o autor do capítulo sobre Portugal (“*Portugalia*”)

Behaim, indicando os Açores como ponto de partida. Eis o texto aludido (*apud* Grauert, 1908: 316):

“Mais se esta espediçam acabares, aleuantar te am em lououres como deus: ou outro Hercules e terás tam bem, sete apraz, para este caminho por companheiro deputado do nosso rey Maximiliano ho senhor martinho boemio singularmente para esto acabar: e outros muy muytos marinheiros sabedores que nauegarám ha largura do maar tomando caminho das jlhas dos açores por sua industria, por quadrante, chilindro e astro-labio e outros jngenhos [...]”

Há, como vimos, alguns indícios que reforçam a ideia que Behaim deve ter estado pessoalmente nos Açores antes de 1490. E para lá voltou, muito provavelmente em 1494, segundo o conteúdo da referenciada carta que começou a escrever no dia

na Crónica de Nuremberga, que surgiu na mesma altura e no mesmo local que o globo de Behaim. Relativamente ao descobrimento dos Açores escreveu (*apud* Almeida, 1959: 213-214):

“[...] o infante D. Henrique, ao reconhecer que o território de Portugal se confinava em limites exíguos, desejoso de ampliar o Reino, sulcara, com as máximas forças, o oceano Atlântico, confiado no conselho e saber dos cosmógrafos conhecedores da situação da terra e do mar; descobriu [assim] muitas e diferentes ilhas que o homem nunca habitara. [...] Descobriu ainda muitas outras ilhas que povoou e às quais deu o nome, como as de S. Jorge, Faial, Pico, concedendo que uma delas, fértil de trigo fosse habitada por alemães da Flandres.”

11 de Março de 1494, em Brabante, acabando-a apenas semanas depois, quando já se encontrava novamente em Lisboa. Imediatamente a seguir ao seu regresso à capital portuguesa, antes do Pentecostes, informou os seus familiares em Nuremberga que tencionava partir em breve para os Açores e que o correio lhe deveria ser enviado, para lá chegar, via Génova, Lisboa e Madeira. Este facto é algo curioso, porque na primeira parte da carta, elaborada em Março, Behaim havia ainda indicado a casa do sogro em Lisboa, como seu endereço. Tal conduz-nos a acreditar que originalmente tinha a intenção de ficar algum tempo na cidade do Tejo. Desconhecemos, porém, os motivos que o levaram a sair tão repentinamente de Portugal continental para se estabelecer nos Açores mais cedo do que inicialmente previsto (Pohle, 2007: 37).

É nesta altura que se perde o rasto de Martin Behaim, reencontramo-lo apenas treze anos mais tarde, em Lisboa. Supomos, no período compreendido entre 1494 e 1507, o paradeiro de Behaim em terras portuguesas, inicialmente sobretudo na ilha do Faial junto da sua família. O alemão não deve ter estado sempre presente nos Açores como revela uma das poucas fontes em língua portuguesa, na qual está mencionado *expressis verbis* o nome de Martin Behaim. Trata-se aqui de uma carta de perdão

de D. Manuel I, datada de 16 de Novembro de 1501, a favor de D. Fernão de Évora, “*escudeiro, morador em a ylha do Fayall*”.¹⁹ Este tinha fugido da prisão após ser preso por Josse van Hurtere (Filho)²⁰, por ter tido relações íntimas com a esposa de Behaim, Joana de Macedo. Neste documento fala-se de “*huu [=um (NdA)] Martin de Boeme*”, uma designação que contrasta claramente com o “Senhor cavaleiro Martin Behaim” (“*Dno Martino bohemio Militij*”), como ele se deixava intitular na sua correspon-

dência.²¹ Isso leva a crer que Martin Behaim não terá desempenhado nenhum papel importante na corte de D. Manuel I. Se terá usufruído de alguma função relevante na sociedade portuguesa, deve ter perdido a sua posição privilegiada no fim do reinado de D. João II ou após a subida de D. Manuel I ao trono em 1495. Esta questão e muitas outras, que giram à volta deste enigmático mercador e aventureiro de Nuremberga, permanecem em aberto.

BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE, Luís de (1985), “Behaim, Martin”, in Joel SERRÃO (ed.), *Dicionário de História de Portugal*, vol. 1, Porto, Figueirinhas, pp. 321-322.
- ALMEIDA, Justino Mendes de (1959), “Portugal nas «Crônicas de Nuremberga»”, in *Arquivo de Bibliografia Portuguesa*, 5, n.º 19-20, pp. 213-216.
- Arquivo dos Açores*, vol. 1 (1878).
[http://www.archive.org/stream/archivodo_sao01pont#page/n5/mode/2up]
- BAIÃO, António (rev.) (1940), *O Manuscrito «Valentim Fernandes»*, Lisboa, Academia Portuguesa da História.
- BENSAÚDE, Joaquim (1917-1920), *Les légendes allemandes sur l'histoire des découvertes maritimes portugaises*, Genève, A. Kundig.
- IDEM (1967), *L'astronomie nautique au Portugal à l'époque des grandes découvertes*, Amsterdam, N. Israel [1912].
- BOTT, Gerhard (ed.) (1992), *Focus Behaim-Globus*, 2 vols., Nürnberg, Verlag des Germanischen Nationalmuseums.
- BRÄUNLEIN, Peter J. (1992), *Martin Behaim: Legende und Wirklichkeit eines berühmten Nürnbergers*, Bamberg, BVB/ Bayerische Verl.-Anstalt.

¹⁹ ANTT, Chanc. de D. Manuel, liv. 37, fol. 78 *apud* Kellenbenz (1958: 91). O documento foi também publicado por Serpa (1929: 48-49) que acrescentou, numa nota de rodapé (*ibidem*, 48), a informação de que Fernão de Évora tinha sido “nomeado Mamporteiro-mór dos cativos em tôdas as

Ihas [*sic!*] dos Açores, por carta de Dom João II, de 8 de Junho de 1490”.

²⁰ O cunhado de Martin Behaim *tinha* sucedido ao seu pai, falecido em 1495, como capitão-donatário das ilhas do Faial e Pico. Vd. *Arquivo dos Açores* (1878: 152-170).

²¹ Vd. *supra*, nota 7.

- CANTO, Ernesto do (1878), “Martim Beheim e o seu Globo de Nuremberg”, in *Arquivo dos Açores*, 1, pp. 435-444.
- GARCIA, José Manuel (2012), *D. João II vs. Colombo – Duas estratégias divergentes na busca das Índias*, Vila do Conde, QuidNovi.
- GHILLANY, Friedrich Wilhelm (1853), *Geschichte des Seefahrers Ritter Martin Behaim nach den ältesten vorhandenen Urkunden bearbeitet*, Nürnberg, Bauer und Raspe.
- GÖRZ, Günther (2007), “Altes Wissen und neue Technik. Zum Behaim-Globus und seiner digitalen Erschließung”, in *Norica*, 3, pp. 78-87.
- GRAUERT, Hermann (1908), “Die Entdeckung eines Verstorbenen zur Geschichte der großen Länderentdeckungen. Ein Nachtrag zu Dr. Richard Staubers Monographie über die Schedelsche Bibliothek”, in *Historisches Jahrbuch*, 29, pp. 304-333.
- JACOB, Reinhard (2007), “Wer war Martin Behaim? Auf den Spuren seines Lebens”, in *Norica*, 3, pp. 32-47.
- KELLENBENZ, Hermann (1958), “Portugiesische Forschungen und Quellen zur Behaimfrage”, in *Mitteilungen des Vereins für Geschichte der Stadt Nürnberg*, 48, pp. 79-95.
- KNEFELKAMP, Ulrich (1992), “Martin Behaims Wissen über die portugiesischen Entdeckungen”, in *Mare Liberum*, 4, pp. 87-95.
- IDEM (2007), “Die Neuen Welten bei Martin Behaim und Martin Waldseemüller”, in Michael KRAUS/Hans OTTOMEYER (eds.), *Novos Mundos – Neue Welten. Portugal und das Zeitalter der Entdeckungen*, Dresden, Sandstein, pp. 73-88.
- MURR, Christophe Theophile de (1802), *Histoire Diplomatique du Chevalier Portugais Martin Behaim de Nuremberg. Avec la description de son globe terrestre*, trad. de Hendrik Jansen, Strasbourg/Paris, Treuttel et Würtz [3.^a ed.].
- POHLE, Jürgen (2000), *Deutschland und die überseeische Expansion Portugals im 15. und 16. Jahrhundert*, Münster, Lit Verlag.
- IDEM (2007), *Martin Behaim (Martinho da Boémia): Factos, Lendas e Controvérsias*, Coimbra, Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos/MinervaCoimbra (=cadernos do cieq; 26).
- RAVENSTEIN, Ernest George (1908), *Martin Behaim, his life and his globe*, London, Philip & Son.
- IDEM (s.d.), *Martim de Bohemia (Martin Behaim)*, Lisboa, Livraria Ferin.
- SERPA, António Ferreira (1929), *Os Flamengos na Ilha do Faial. A Familia Utra (Hurtere)*, Lisboa, s. ed. [Centro Tipográfico Colonial].
- SINTRA, Diogo Gomes de (2002), *Descobrimiento Primeiro da Guiné*. Estudo preliminar, edição crítica, trad. e notas de comentário de Aires A. Nascimento, Lisboa, Edições Colibri.
- VASCONCELOS, Basílio de (1930), “«Itinerário» do Dr. Jerónimo Münzer”, in *O Instituto*, 80, pp. 541-569.
- VERLINDEN, Charles (1991), “Die Azoren und der Globus”, in *Anzeiger des Germanischen Nationalmuseums*, pp. 54-56.
- WILLERS, Johannes (1992), “Leben und Werk des Martin Behaim”, in G. BOTT (ed.), *Focus Behaim-Globus*, vol. 1, Nürnberg, Verlag des Germanischen Nationalmuseums, pp. 173-188.